Especulação Colaborativa como Ato Político: Duas Perspectivas sobre Música Especulativa

MODALIDADE: Comunicação-Performance

Gabriel Dargains Gonzaga
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO/PPGM
gabriel.dargains@edu.unirio.br

Pitter Gabriel Maciel Rocha
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO/PPGM
pitter.rocha@edu.unirio.br

Esta comunicação-performance examina a especulação colaborativa como um ato político de construção de mundo entre dois compositores-performers, cada um operando a partir de uma perspectiva distinta sobre música especulativa. A prática de Gabriel — piano preparado, feedback e ruído — corporifica o que Ming Tsao identifica como composição especulativa, que reconecta a música à cosmologia, ao número e ao poder material do som (Tsao, 2017). A prática de Pitter — improvisação eletrônica afrodiaspórica, sampleando hip-hop e funk brasileiro — corporifica o que Vijay Iyer chama de musicalidades especulativas negras: práticas que reconfiguram a subjetividade e propõem novas formas de sociabilidade através do som (Iyer, 2023).

Em vez de sintetizar estas abordagens, exploramos como elas convergem e se repelem, gerando o que chamamos de especulação relacional. Baseando-nos no arquipélago de Édouard Glissant como "um espaço de difração e relação" (Glissant e Obrist 2023, p. 12), e na opacidade como aquilo que não pode ser reduzido (Glissant, 2021), argumentamos que a música especulativa se torna política quando se recusa a apagar a diferença. Isso se alinha com a estética relacional de Nicolas Bourriaud: uma arte que toma como seu horizonte "a esfera das interações humanas" e que procura através da relação e da diferença, "aprender a habitar melhor o mundo" (Bourriaud, 2009, p.18).

A prática de improvisação eletrônica em tempo real baseia-se em técnicas da música eletrônica da diáspora negra: sampleamento ao vivo, loop e diferentes perspectivas do pensamento negro. Utilizando laptop e microfone, desenvolve materiais sonoros durante a performance, sampleando sons captados do piano, batidas de funk brasileiro, e gravações de campo. Todo esse material pode ser processado por efeitos como distorção, filtro e delay, além de manipulações temporais como aceleração e alongamento. O sampleamento opera diferentes dimensões temporais, permitindo que amostras sejam registros de momentos, elementos reordenados, marcos formais e possibilidades de sobreposição. Esse movimento remete à espiralidade temporal, onde "tempo e memória são imagens que se refletem" (Martins, 2021, p. 23), experimentando a não-linearidade, descontinuidade e simultaneidade de instâncias temporais.

Paralelamente, o uso do piano-retroalimentado com preparação cria uma rede onde o piano, objetos e microfones interagem entre si, tendendo à dissolução da identidade desses elementos. O processo oferece resistência na maneira de trabalhar com o tempo, onde o interesse recai sobre o momento da preparação, do erro e da observação como procedimento expressivo. O tempo não é linear nem mágico[1] (Flusser, 2009), mas definido pela curiosidade:

[1] Vilém Flusser introduz no primeiro capítulo uma diferença entre o tempo mágico e o tempo linear. “[...] O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do

os elementos são postos sobre o piano como ferramentas, manipulados, explorados e guardados, num movimento constante de montagem e desmontagem que desafia a noção de início e fim da performance.

Como o feedback do piano preparado e as batidas eletrônicas brasileiras sampleadas geram fricção e unidades coesas? Como a escuta pode se tornar um ato especulativo? A especulação relacional emerge, portanto, da fricção entre essas temporalidades: a espiralidade dos samples que reordenam o fluxo temporal e a resistência do piano preparado, cujo tempo da curiosidade dissolve as fronteiras performáticas. O arquipélago de práticas de escuta em diálogo político contínuo revela que a especulação musical é sempre, e já, relacional: um exercício de "dar-com" em vez de apreender (Glissant, 2021, p.161), onde a fricção gera tanto tensão quanto coesão, e a escuta se torna um ato especulativo de construção de mundo.

“Especulações” Gabriel Dargains e Pitter Rocha, 2026:

01/05/2026

Minutagem:

19:58

Endereço eletrônico (URL) para o vídeo disponibilizado:

performance: https://youtu.be/zQl-u8HA4is?si=-DpIqhFXyTNTCdvB
resumo: https://youtu.be/qUc--o1Xrjw

Referências

Livro

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

GLISSANT, Édouard. Poética da Relação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GLISSANT, Édouard; OBRIST, Hans Ulrich. Conversas do arquipélago. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

IYER, Vijay. On Black Speculative Musicalities. In: KELLY, M.; ROELOFS, M. (Ed.). Black Art and Aesthetics: Relationalities, Interiorities, Reckonings. Londres: Bloomsbury Academic, 2023. p. 341-354.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó. 1ª edição. 2021.

---

linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro.[...]”. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia, 2009. p.8.

TSAO, Ming. What is speculative music composition? PARSE Journal, n. 7, 2017. Disponível em: https://parsejournal.com/article/what-is-speculative-music-composition/. Acesso em: 9 jul. 2026.